



FACULDADE CALAFIORI

**ATIVIDADES RÍTIMICAS E EXPRESSIVAS COMO
MEIO FACILITADOR NA COMUNICAÇÃO E
EXPRESSÃO CORPORAL NO ALUNO SURDO:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

DRIELLY CRISTINA DA SILVA

ORIENTADORA: ALESSANDRA MÁRCIA MONTANHINI

São Sebastião do Paraíso – MG

2010

**ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS COMO
MEIO FACILITADOR NA COMUNICAÇÃO E
EXPRESSÃO CORPORAL NO ALUNO SURDO:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

DRIELLY CRISTINA DA SILVA

Monografia apresentada à Faculdade
Calafiori como parte dos requisitos para
a obtenção do título de Licenciada em
Educação Física.

Orientadora: Profa. Espec. Alessandra
Márcia Montanhini.

São Sebastião do Paraíso – Minas Gerais

2010

**ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS COMO MEIO FACILITADOR NA
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CORPORAL NO ALUNO SURDO: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2010

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais,
Maria Rosa Silva e Norival Alves Silva,
pelo amor e incentivo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me honrou com forças para que o trabalho fosse concluído.

À minha orientadora, professora Especialista Alessandra Márcia Montanhini, pela competência, solidariedade e dedicação com a qual me orientou nesse percurso. Com carinho e amizade, agradeço pela confiança e pelo interesse na temática surda.

Aos colegas que dividiram comigo momentos inesquecíveis durante todo o percurso. Em especial, agradeço a Ataíssa Teodoro, pelo apoio e pelas produtivas conversas que mantivemos.

Por fim, participantes surdos que compartilharam comigo seus interesses e imagens. Sem eles, esta pesquisa não teria sido possível.

A todos o meu carinho e os meus sinceros agradecimentos.

Nós surdos somos...

...não nos importa que nos marquem como refugos, como excluídos, como anormais. Importa-nos quem somos, o que somos e como somos. A diferença será sempre diferença. Não tentem colocar todos os capitais do mundo para declarar-nos diversos porque não é isso que estamos significando. Continuamos a ser diferentes em nossas formas. Continuamos a nos identificar como surdos. Continuamos a dizer que somos normais com nossa língua de sinais, com o nosso jeito de ser surdos.

[...]

...então um grupo cultural à parte. Um grupo que realmente investe na decisão de ser diferente. De transformar o anormal em normal no cotidiano da vida. É um jogo perverso que se instaura. Jogo entre o que é nossa invenção e o que inventaram sobre nós. Porque jogo inventado? É próprio do modernismo criar uma alteridade para o outro e obrigá-lo a segui-la. Neste ponto, a universalização e a historicização se confrontam num afrontamento em que riscos estão presentes num movimento sinuoso que envolve.

[...]

...os diferentes dos não-surdos, dos surdos implantados ou dos deficientes auditivos. A estes grupos não interessa nossas lutas, elas lhes dizem de outras paragens sem interesse, sem encanto. A nós isto é importante.

Compreendemos os choques culturais. Conhecemos de norte a sul as necessidades destes outros grupos, nós as recomendamos e damos a eles os exemplos de nossas resistências para que prossigam nas suas conquistas. E os informamos de nossas lutas não acabadas.... O triste espaço da deficiência foi o álibi para nos manterem “baixas do progresso”. Usurparam nossa diferença e disso sequer poderíamos sair pelos cadeados colocados aqui e ali.

[...]

..... mártires destas jornadas pela diferença, poucos de nós conseguimos pular para dentro do veículo do progresso e com afinco trazer para as páginas de espaços acadêmicos novas posições, novos achados científicos longe daquelas palavras que sustentam a farsa sobre nós e que impõem a dita anormalidade.

Gladis Perlin (2007).

RESUMO

Esse trabalho buscou encontrar um meio de amenizar as dificuldades de comunicação e expressão presentes nos indivíduos surdos de uma escola especial estadual da cidade local. Pode-se destacar de que a comunicação é um dos fatores que apresentam o maior grau de dificuldade em indivíduos com essa deficiência auditiva. Podendo essa dificuldade contribuir para presença de conflitos entre os membros do grupo, como também para o quadro de isolamento, apatia e exclusão. A expressão corporal oportuniza o ser humano a se comunicar sem a emissão de sons, sem a palavra articulada utilizando como instrumento a liberdade de colocar a mostra o que ele sente. A partir daí surgiram diferentes formas de abordagem corporal que se relacionam com terapias e dança. Pois, através da música é possível desvendar questões das quais o silêncio está presente. Atividades que envolvam a exploração dos movimentos e expressão corporal somam-se a superação dos limites do próprio corpo e melhora a convivência com as pessoas que estão ao seu redor. Foram realizadas sessões de dança e expressão corporal, vinculadas na melhoria da qualidade de vida e comunicação dessas pessoas surdas na sua própria comunidade, principalmente na desinibição e no relacionamento com pessoas ouvintes. O resultado foi surpreendente, os indivíduos surdos superaram a expectativa do objetivo proposto, além de que foram capazes de demonstrarem superação, segurança e prazer durante as atividades.

Palavras-chave: Dança. Surdo. Comunicação. Expressão corporal

ABSTRACT

This work sought to find a way to ease the difficulties of communication and expression in deaf individuals in a State Special School of the local town. You can highlight that communication is one of the factors that have the greatest degree of difficulty in individuals with this hearing impairment. This difficulty may contribute to the presence of conflicts between members of the group, as well as for the isolation, apathy and exclusion. The body language it gives the human being to communicate without the emission of sounds without the word articulated using as an instrument to shows what he feels. From there arose different forms of body approach that relate to therapies and dance. Because through music you can uncover issues which the silence is present. Activities involving the exploitation of movements and body language in addition to overcoming the limits of the body and improves coexistence with people who are around you. Dance sessions were held and corporal expression, linked in improving the quality of life and communication of deaf people in their own community, mainly in disinhibition and relationship with people. The result was startling, deaf individuals have exceeded the expectation of the proposed objective, and were able to demonstrate resilience, security and pleasure during the activities.

Keywords: Dance – Deaf – Communication - Body Expression

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Instituto Nacional de Educação de Surdos	14
Figura 2. Anatomia do Ouvido.....	18
Figura 3. Sessão de socialização.....	35
Figura 4. Sessão de socialização.....	35
Figura 5. Sessão de ritmo e sincronia coletiva.....	37
Figura 6. Sessão de ritmo e sincronia coletiva.....	37
Figura 7. Sessão de expressão corporal e cooperação.....	39
Figura 8. Sessão de expressão corporal e cooperação.....	39

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
D.A	Deficiência Auditiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SURDO	13
2 DEFICIÊNCIA AUDITIVA	16
3 MÚSICA, SOM, VIBRAÇÃO E RITMO	22
4 A MUSICALIDADE DO SURDO	28
5 PESQUISA DE CAMPO	31
5.1 OBJETIVOS.....	31
5.2 METODOLOGIA.....	31
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

A convivência em qualquer grupo nos traz exigências, em destaque a boa comunicação, e perante a sociedade atual isto se torna cada vez mais presente o que nos submete a sofrer o caos do cotidiano, nos impedindo de ter uma relação saudável.

O surdo necessita do seu espaço na sociedade e a sua comunicação se torna comprometida com essa correria. Afinal, para pessoas com essa deficiência é fundamental adquirir as qualificações de atenção, de inclusão, de amizade e do companheirismo.

Esse estudo surgiu da necessidade de melhorar a comunicação entre indivíduos surdos, pertencentes a uma turma da escola especial local. Tal população necessitava de um programa que pudesse atender essa carência, oportunizando a vivência desse espetáculo de sentir a música sem sequer poder ouvi-la. Serviu para contribuir aos aspectos não exploráveis como: a percepção do som através do próprio corpo, a concepção dos movimentos, a superação dos limites, a socialização e a cooperação com o próximo.

Para atingir seus objetivos o presente trabalho transcorre a partir da História da Educação dos Surdos, em que foca-se em menções sobre a adequação da melhor maneira de ensinar o ser surdo ao longo dos tempos, a construção de escolas especializadas e a abordagem da inclusão dessas pessoas perante a sociedade.

A deficiência auditiva pode ter causas pré-natal e pós-natal, sendo elas congênitas ou adquiridas ao longo do tempo, discorre também sobre a quantidade de decibéis necessários para uma possível causa da surdez, além de questionar o silêncio vivenciado pelas pessoas surdas, e as possíveis formas de atividades orientadas para essa deficiência específica.

Há uma junção dos elementos básicos para a formação da música e em consequência da dança. Será mencionado o ritmo, o som, a vibração e a música através das suas variadas definições e formas, servindo de auxílio para atividades de terapia com surdos.

A musicalidade do surdo se revela, através das percepções do próprio corpo, estímulos e sensações, superação dos limites e atividades orientadas as

necessidades específicas de tais sujeitos. A Dançaterapia é um forte aliado na questão de melhora no desempenho, atenção direcionada aos movimentos executados, disciplina e respeito pelo próximo.

A pesquisa de campo foi realizada com seis adolescentes surdos que participaram de atividades em que envolviam questões sociais, rítmicas e expressivas e o resultado final foi surpreendente.

1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SURDO

Antigamente as pessoas surdas eram julgadas incapazes de serem alfabetizadas, com isso eram impedidas de frequentar escolas. As pessoas surdas principalmente as que não falavam não podiam sequer exercer seu papel de cidadão, não tinham direito de casar, possuir ou até mesmo herdar bens e acabam assim sendo excluídas da sociedade, tendo sua sobrevivência comprometida.

Os primeiros registros que se tem da História da Educação dos Surdos ocorrem em 673 d.C. onde o bispo John of Bervely ensina um surdo a falar de forma bem clara e isso é considerado um milagre, como a autoria de muitas técnicas se perderam no tempo com esse acontecimento não foi diferente e a igreja acaba por tomar a autoria do feito para si. Já no século XV as escolas não recebiam pessoas surdas; Giralamo Cardamo e Pedro Ponce de Leon, ouvintes, tentaram ensinar aos surdos através de sinais e de leitura dos lábios.

Depois disso, no século XVIII, outros professores se dispuseram a ensinar aos surdos, dentre eles se destacaram: Ivan Pablo Bonet (Espanha), Abbé Charles Michel de L'Epée (França), Samuel Heinicke e Moritz Hill (Alemanha), Alexandre Gran Bell (Canadá e EUA), Ovide Decroly (Bélgica). Esses autores desenvolveram diferentes técnicas para que se fizesse a educação das pessoas surdas.

Entre eles havia uma discussão sobre qual método seria mais eficaz ao ser trabalhado com os surdos, uns acreditavam que devia se priorizar a língua falada (Método Oral Puro), e outros defendiam a idéia que devia se ensinar a língua de sinais, já conhecida pelos alunos surdos - ensino da fala (Método Combinado).

No ano de 1755, o abade L'Epée fundou a primeira escola pública para o ensino das pessoas surdas em Paris. Na França, o português Jacob Rodrigues Pereira, desenvolveu o método do ensino da fala e exercícios auditivos e foi considerado um sucesso.

Em 1880, no Congresso Mundial de Professores de Surdos (Milão - Itália), concluíram que o melhor ensino se dava por meio do Método Oral Puro. Eles acreditavam que a partir desse método, somente através da fala a pessoa

poderia se desenvolver e adquirir sua integração social, facilitando a aceitação da língua em uma comunidade majoritária.

Existiram dois grandes períodos na história da educação dos surdos, a primeira que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando havia experiências educativas através da Língua de Sinais, e segundo que vai de 1880, até nos dias atuais, no qual a educação dos surdos se resume a linguagem oral.

Antes em 1857, o professor francês Hernest Huet (surdo e partidário de L'Épée, que usava o Método Combinado) veio ao Brasil, no Rio de Janeiro, chamado por D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos de nosso país: Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (Figura 01), mantido pelo governo federal, e que atende em seu colégio pessoas surdas de todas as idades e ambos os sexos, uma referência a outras escolas fundadas no país, que também trabalham com educação dos surdos, oferecendo assistência médica e psicológica ao surdo e aos familiares, além de capacitação para o mercado de trabalho e adaptações nos setores públicos que é de direito dos surdos, visando assim sua inclusão perante a sociedade.



Figura 1. INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos - RJ

Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Concursos>

A partir daí os surdos brasileiros passaram a ter uma escola específica para sua educação e foi instituída a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que facilitou a comunicação entre todos, principalmente entre as pessoas ouvintes, formando um elo de aproximação às especificidades que o surdo não compreendia.

No século XX o número de escolas para surdos aumentou, e foi criada uma para alunas surdas, chamada Instituto Santa Terezinha (SP), assim como tantas outras escolas que surgiram na mesma época espalhadas pelo país que assim como o INES adotou o Método Oral como o mais eficaz para a alfabetização desses alunos surdos.

Com o aprimoramento de idéias, maior eficácia no desenvolvimento dessas pessoas com necessidades especiais, e as próteses otofônicas, várias crianças surdas de diversos países passaram a ser encaminhadas para escolas regulares, favorecendo assim a socialização e a valorização dos direitos de cidadão dos mesmos frente a pessoas consideradas normais.

No Brasil as Secretarias Estaduais juntamente com as Municipais passaram a abranger Salas de Recursos e Classes Especiais para surdos afim de melhorar o desempenho dessas pessoas e ressaltar a qualidade de vida perante a sociedade.

Com o passar dos tempos as pessoas com necessidades especiais passaram a exigir seus direitos de cidadão, no caso dos surdos especificamente são: o respeito à língua brasileira de sinais, a uma melhor especialização dos professores, a intérpretes nos locais públicos e privados, a uma educação de qualidade, etc.

Atualmente estudos revelam a importância de a criança surda entrar o mais rápido possível em uma escola especial, para que seja trabalhado o bilingüismo, que nada mais é que a língua de sinais e a língua oral do seu país, para que ela tenha um melhor aproveitamento e possa se desenvolver mais rapidamente (Secretaria de Educação Especial, 1997).

2 DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Para compreender o que é a deficiência auditiva, primeiro tem-se que esclarecer o que é a audição. A audição faz parte de um dos nossos cinco sentidos que são: tato, olfato, paladar, visão e a audição. Ela está relacionada a todo som/ruído que escutamos através dos nossos ouvidos, e é o principal meio pelo qual a fala e a linguagem são adquiridas (JESUS, 2009).

A audição se inicia antes do nascimento, por volta da 20ª semana de gestação, com desenvolvimento da cóclea é possível captar sons ambientais no interior do corpo materno, facilitando assim a comunicação da mãe com o bebê através do reconhecimento da voz. A partir do terceiro mês de vida, acontece a maturação do sistema auditivo e de outras modalidades sensoriais, possibilitando ao bebê explorar o mundo que o rodeia, aumentando assim seus vínculos sociais.

Portanto a deficiência auditiva (D.A) é o nome utilizado para definir a capacidade da audição, sendo ela perda ou diminuição.

Segundo o Ministério da Saúde (2001) “É a perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras, variando de graus e níveis”. Acredita-se que pelo menos 1,5% da população são portadoras de D.A em diferentes graus e etiologias.

Na maioria dos casos não é possível detectar as origens das perdas auditivas, sabe-se apenas que existem dois tipos que diferenciam as perdas auditivas, elas podem ser congênitas (nas fases pré-natal e perinatal), na fase pré-natal as causas prováveis podem ser de origem genética (aplasias, síndromes e anormalidades cromossômicas), infecção viral (rubéola materna), infecção bacteriana (sífilis), incompatibilidade de Rh ou até mesmo por ingestão de medicamentos durante a gestação; ou podem ser classificadas como adquiridas, nesse caso pós-natal (complicações no parto ou baixo peso) ou até mesmo podendo ser distúrbios inflamatórios de origem bacteriana e/ou viral como: (sarampo, caxumba, herpes zoster, meningite, etc.); traumatismo craniano; perdas induzidas por ruído ou por distúrbios metabólicos (hipotireoidismo, diabetes, etc.).

Caso ocorra algum problema em alguma das partes do ouvido pode ocorrer uma deficiência na audição. Destacam-se entre as várias deficiências auditivas existentes as que podem ser classificadas como condutiva, neurossensorial, mista e surdez central.

A perda condutiva é classificada como uma interferência na transmissão do som desde o conduto auditivo externo até a orelha interna, sua função seria conduzir o “som” até o ouvido, mas devido essa interrupção na transmissão isso não acontece. E a grande maioria das deficiências auditivas condutivas pode ser corrigidas através de tratamento clínico ou cirúrgico, e com o sucesso na cirurgia a pessoa com essa perda talvez nem necessite do uso de aparelho auditivo.

Perda neurossensorial é a impossibilidade de recepção do som por lesão das células ciliadas da orelha interna ou do nervo auditivo. Ocasionalmente em virtude de fatores genéticos, nos quais existem uma malformação na cóclea e nos ossículos do ouvido médio, nessa deficiência, o nervo auditivo é que transmite o impulso ao cérebro; assim as implicações são mais complexas e podem afetar funções tais como o equilíbrio que contribui primordialmente na formação do ser humano. Este tipo de deficiência auditiva é irreversível.

Classifica-se de perda mista quando há uma alteração na condução do som até o órgão terminal sensorial associada à lesão do órgão sensorial ou do nervo auditivo.

Já a surdez central se manifesta por diferentes graus de dificuldade na compreensão das informações sonoras. Decorre de alterações nos mecanismos de processamento da informação sonora no tronco cerebral (Sistema Nervoso Central) até as regiões subcorticais e córtex cerebral (Figura 02).

Contudo, é importante ressaltar que é necessário saber o grau de comprometimento que esse indivíduo possui, ou seja, quanto foi a perda auditiva que ele teve. Para isso é necessário a realização de testes com um aparelho que faz essa medição que se chama “audiômetro” (JESUS, 2009).

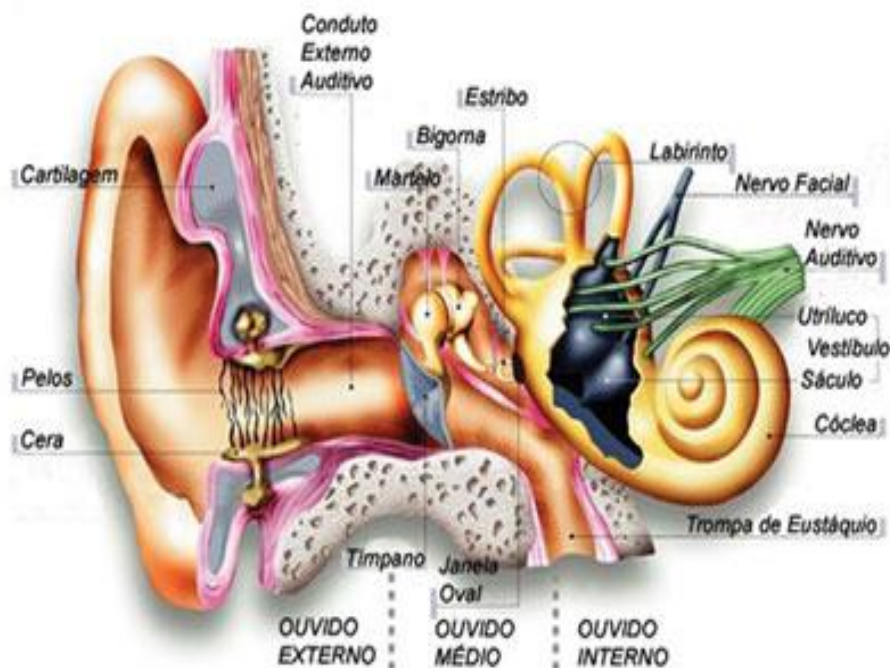


Figura 2. Anatomia do ouvido.

Fonte: <http://www.medicinageriatrica.com.br/wp->

Essa perda auditiva é medida em decibéis (dB) relacionada à intensidade do som, testes audiométricos medem e identificam o grau de audição de um indivíduo. Os indivíduos são considerados normais quando apresentam níveis de audição de até 24 dB. Também são levadas em conta as quatro categorias de perdas auditivas; sendo elas: leve, moderada, severa e profunda.

Na perda auditiva leve o indivíduo em si não será afetado dentro do seu desenvolvimento e o uso do aparelho auditivo raramente será necessário, comparando ao ponto de vista educacional a perda auditiva não impede a aquisição normal da linguagem, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório ou dificuldade na leitura e/ou escrita

A perda auditiva moderada segundo Gorgatti; Costa, (2008) que varia entre 31 e 60 dB “Sem intervenção, ela afeta e atrasa, mas não impede o desenvolvimento da fala e linguagem”. Com o uso do aparelho auditivo o indivíduo pode se desenvolver normalmente, já do ponto de vista educacional haverá um atraso na aquisição e desenvolvimento da linguagem; alterações

articulatórias, podendo, em alguns casos, ter maiores problemas lingüísticos; e uma maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos.

Quando a variável de decibéis fica entre 61 e 90 chamamos de perda severa. Nessa ocasião ela pode impedir o desenvolvimento da fala e da linguagem, com o uso do aparelho auditivo usado precocemente e o treinamento com esse indivíduo seu desenvolvimento poderá ser considerado quase normal, do ponto de vista educacional a compreensão verbal vai depender, em grande parte, de aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações. Para indivíduos que escutam a partir de 71 dB, a aprendizagem da LIBRAS é importante.

Já a perda auditiva profunda refere-se a limiares maiores que 90 decibéis. A fala e a linguagem podem ocorrer, mas de maneira muito lenta e com bastante dificuldade para o indivíduo, certamente não o impedindo de ter uma vida social normal (GORGATTI e COSTA, 2008).

Hoje a deficiência auditiva é um dos problemas sensoriais mais corriqueiros na sociedade brasileira, de mil crianças nascidas, duas a sete apresentam esse tipo de problema, por isso a necessidade de diagnóstico precoce para a doença, pois na maioria dos casos a deficiência é diagnosticada tardia e com isso há um comprometimento no desenvolvimento dessa criança surda.

Na maioria dos casos a deficiência passa despercebida, porque o neném apesar de não ouvir, expressa suas emoções como qualquer outra, ele chora, grita e vocaliza sons, assim como uma criança que não tem a deficiência. A partir daí, tira-se conclusão que a criança escuta e acaba perdendo o tempo necessário para o tratamento dessa deficiência (JESUS, 2009).

A audição acaba por nos socializar e nos permite a localização em meio ao espaço e ao tempo, é através dela que conseguimos adquirir a fala e a linguagem mais rápido do que as pessoas que por alguma deficiência não conseguem ouvir, a audição nos permite ter um mecanismo de defesa e alerta contra o perigo, pois nossos ouvidos não descansam, estão “ligados” 24 horas por dia. A audição nos dias de hoje é fundamental para a comunicação do ser humano, já as pessoas surdas terão uma dificuldade maior para se comunicarem, mas isso não as impede de fazê-la.

Como é o silêncio?

Afinal, o que se diz respeito o silêncio? A pessoa surda por sua vez convive com esse dilema, contudo não necessariamente se resulta num problema, pois apesar dessa deficiência fazer parte do cotidiano da pessoa surda, ela não carrega consigo uma memória sonora, portanto é mais facilitadora a compreensão do ritmo que surge por sua vez da natureza e do espaço.

Para a pessoa ouvinte, é extremamente complicado após conhecer o mundo sonoro se imaginar no silêncio, mas ao contrário do que muitos pensam para a pessoa surda não é tão difícil assim, afinal esse é apenas o seu cotidiano. E o quanto antes for feito esse diagnóstico melhor será a adaptação desse indivíduo surdo.

Portanto, é exatamente por isso que as crianças, adolescentes e até mesmo adultos surdos têm de descobrir que seu corpo pode dançar com palavras e/ou ritmos através da sua própria expressão.

Para melhor compreensão desses ritmos é necessário que explore a relação de palavras-chaves com seu próprio cotidiano, fazer com que a pessoa surda veja a imagem, compreenda o movimento e se identifique e expresse da melhor forma possível o que aquilo representa para ela, essa questão de identificação possibilitará a estabilidade na hora da realização da dança e a atenção em copiar o movimento que os colegas por sua vez cada um ao seu tempo, terão que concluir. Elaborar oficinas específicas de dança, teatro e expressão corporal é de suma importância para o aperfeiçoamento e troca de experiências desses indivíduos.

A aprendizagem ao contrário do que muitos pensam é lenta e requer uma sensibilidade enorme com a pessoa surda, pois cada um se desenvolve no seu tempo e diferentes da pessoa ouvinte existem técnicas específicas na elaboração do ritmo e expressão na dança.

Através da Dançaterapia podemos afirmar que não só o lado externo é estimulado, mas principalmente o lado interno, onde se pode ressaltar a respiração como grande aliado na percepção do ritmo. O surdo deitado sendo estimulado a sentir sua respiração e conseguindo aliar isso as batidas do seu

coração, faz com que ele sinta através do seu próprio corpo o compasso de movimentos, a alternância de elementos fortes e fracos.

Através do próprio corpo é possível captar todas as sensações e emoções, no indivíduo surdo essa percepção é ainda maior, pois surge de dentro pra fora; dessa forma os movimentos são realizados com uma certa leveza e expressão marcantes.

Nesse caso, podemos ressaltar o trabalho em grupo entre indivíduos surdos e ouvintes, onde haverá uma troca de informações enriquecendo o trabalho proposto. Oficinas de dança e expressão corporal onde se utilize apenas do silêncio como meio facilitador para a construção dos movimentos aprimora questões pessoais e intensifica a socialização; tema esse muito requerido entre os indivíduos surdos.

O objetivo principal nessa atividade é que o surdo se reconheça e acredite na superação dos seus limites. É interessante trabalhar a música como facilitadora na compreensão dos movimentos e expressões, primeiramente trabalhando músicas das quais o surdo se reconheça, e se identifique, e com o passar das aulas busque trazer o conhecimento de outros estilos musicais, ressaltando o folclore de cada região, a diversidade que cada região possui e seu estilo próprio, roupas, costumes, comida, tentar aliar esses conceitos ao objetivo principal de manifestar a dança estimulando a superação de seus limites, quando esse objetivo é atingido pode-se observar como a expressão facial do surdo muda, pois aquele desafio deixa de ser complicado para a realização do movimento e passa a ser prazeroso, esperando que o desafio posterior seja tão gratificante quanto o outro.

A abordagem desses conceitos requer paciência, dedicação e empenho de ambas as partes, inicia-se com partes isoladas na adequação do ritmo, construção das coreografias até chegar à parte final de conclusão do trabalho, sendo assim a gratificação vem para coroar o desempenho do grupo (FUX,1988).

3 MÚSICA, SOM, VIBRAÇÃO E RITMO

Segundo Haguiara-Cervellini (2003), a música envolve o homem desde sempre, a natureza em sua totalidade acaba por proporcionar ruídos, dos quais se originam sonoridades musicais vindas dos ventos, trovões ou até mesmo de um simples remexer de folhas de uma árvore.

“A música tem sido objeto de estudo da Física, História e da Estética”. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p 72.).

Desde os tempos mais remotos, o homem vem se desvencilhando e se posicionando perante a sociedade através das suas opiniões, preferências e conceitos, mas diante de todo esse processo, ele vem se instruindo pelas informações obtidas ao longo desse período, questões essas que facilitam na adaptação de comunicação e convivência com outros indivíduos, sendo esses portadores ou não de alguma deficiência, no caso descrito a deficiência auditiva, que requer um aprendizado específico em LIBRAS.

Em relação aos três objetos de estudos descritos acima relacionados a música, na Física ela é vista como uma musicalidade exterior, que possui variações de altura, intensidade, duração que constitui a melodia, o ritmo e a harmonia musical.

A Estética por sua vez expõe a música como opção sensorial do homem representada pela suas emoções, sensações, sentimentos ou até mesmo idéias que provocam nesse indivíduo.

E na História, ela é observada na sua cronologia, nas relações com seu tempo, espaço e cultura. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003).

“A música é considerada uma forma de manifestação da constituição humana que responde às necessidades sensoriais do homem”. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p 72). É fato afirmar que a música é usada basicamente em tudo, desde rituais de magia negra, seja para expressar sentimentos e emoções, demonstrar habilidades específicas e usá-la como meio de lazer e dança (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003). O homem por sua vez necessita da música para tudo, afinal são através dela que as percepções do dia-a-dia ficam mais nítidas, os sons mais claros e eles acabam por nos orientar nas questões

cotidianas, tais como expressar sentimentos, sempre haverá músicas para as lembranças boas e/ou ruins que temos ao longo da vida.

As reações que a música proporciona são vistas como um quadro da nossa alma, pois ela é uma espécie de fala, que retrata ao mesmo tempo sinais de tristeza e alegria em nossa face, contudo se faz justo trabalhar a música com o indivíduo surdo através de dramatizações, fazendo-o sentir através dela esse conteúdo intrínseco.

A música trabalhada de uma forma terapêutica age no interior das pessoas, liberando sentimentos e sensações ainda não descritas somente com palavras. Com a música podemos aliar atividades que expressem emoções, facilitando a dramatização e conhecimento do próprio corpo; com isso é possível observar a superação dos limites aliado a cooperação.

Dentre as várias definições de som destacam-se a dos autores citados abaixo.

“A música é fator de estimulação e de motivação de todo o sistema motor, é a arte de combinar sons” (PINTO 2001 apud ARTAXO e ASSIS, 2008, p 23).

No entanto, atividades que envolvam diferentes estímulos sonoros permitirão uma variação maior dos movimentos, com isso haverá um enriquecimento da atividade, tornando-a mais prazerosa e rica para seus praticantes, motivando-os a continuar, ressaltando as percepções do próprio corpo e conhecimento dos seus limites.

“O som é presença e ausência. Ele é permeado de silêncios. Mas mesmo no silêncio podemos perceber os sons do nosso corpo, como o da pulsação sanguínea e o da respiração” (HAGUIARA-CERVellini, 2003, p 73).

O som diferente do que muitos pensam nem sempre está ligado ao volume, pois estando em um local silencioso, podemos através da nossa respiração, sentir esse som de uma forma intrínseca e por sua vez conseguimos ter a percepção do ritmo, fator crucial na construção da dança, e forte aliado na questão do equilíbrio para as pessoas surdas.

O som que ouvimos é resultados de ruídos que se propagam no ar, nesse som audível há vibrações, quanto maior for à vibração de um objeto mais alto será o som que ouvimos.

“Som significa a vibração de um corpo percebida pelos ouvidos, ou energia sob a forma de vibrações que, chamadas ondas sonoras” (ARTAXO e ASSIS, 2008, p 15).

Portanto podemos afirmar que tudo que está a nossa volta exhibe seu próprio som, e ele é transmitido sozinho ou em conjunto, como por exemplo, podemos citar um clipe caindo ao chão e logo uma caixa deles, mesmo sendo o mesmo objeto estando em circunstâncias opostas, o som emitido será diferente, e essa percepção vivenciada pela pessoa surda o ajuda a discernir certos acontecimentos do seu próprio dia a dia, por isso é tão importante trabalhar questões isoladas e em conjunto, para que o ser surdo se oriente de maneiras diversas na comunidade em que vive.

“O som é uma energia feita audível, que ocorre a partir de vibrações” (CASTRO, 2005, p 198).

A vibração se dá através do contato de dois corpos, a partir desse acontecimento essas vibrações serão transformadas em algo audível, permitindo ser classificadas como som.

“Som é tudo que impressiona o órgão auditivo, como resultado do choque de dois corpos que produzem a vibração do ar” (ARTAXO e ASSIS 2008, p 15).

Portanto ouvimos o som com o ouvido e o cérebro, mas não prestamos atenção em todos os ruídos que por ventura passam por nós, às vezes ouvimos o som, porém não conseguimos discriminar a distância que ele está se propagando.

Por isso existem três etapas que podemos distinguir esse “ouvir”. Na primeira etapa o ato sensorial deve prevalecer o ouvir que classifica na percepção do som pelo ouvido; na segunda etapa o ato de interesse se classifica como escutar, dar atenção a tudo que se ouve; e na terceira e última etapa o ato intelectual que se classifica na interpretação do som, denominado como audição interior (CAMARGO 1994 apud ARTAXO; ASSIS, 2008, p 20).

Segunda Haguiera-Cervellini (2003) Ritmo e música apresentam-se juntos.

Através do ritmo que o corpo produz podemos iniciar um trabalho específico, visando a música como aliada na construção desses elementos

essenciais na concepção da dança, utilizando apenas o silêncio como referência.

Para Artaxo e Assis (2008) “A música é um fenômeno corporal”, os autores citam que a criança ainda no útero materno já presencia a música ligada ao ritmo pelos simples batimentos cardíacos da mãe.

No entanto, no caso de pessoas surdas, essa questão do ritmo tem que ser muito bem trabalhado, pois há uma defasagem na construção desse equilíbrio devido uma lesão ocorrida no nervo auditivo, com isso acarretará problemas nessa área, logicamente não as impedindo de realizar atividades rítmicas, mas havendo um desenvolvimento mais lento do que em pessoas ouvintes consideradas “normais”.

O ritmo por sua vez assim como na dança, ou na poesia tem como função expressar a energia por meio de acentuações e de alternâncias de tempos fortes e fracos (ARTAXO e ASSIS, 2008).

Para a pessoa com deficiência auditiva é importante ressaltar esses tempos sonoros, em um tablado de madeira, para que ela vivencie essa diferenciação de ritmos fortes e fracos, facilitando o trabalho que exijam movimentos mais lentos, intermediários e mais rápidos, de acordo com a proposta da atividade a ser executada.

“Ritmo é o padrão temporal (distância horizontal entre eventos sonoros) que caracteriza o fenômeno acústico (pulso e duração) e o silêncio (pausa e sua duração)” (CASTRO, 2005, p 200).

Destacam-se muito as sensações auditivas relacionadas diretamente às atividades rítmicas, pois é através delas que se pode promover a integração a um grupo de indivíduos, principalmente relacionando-as a aulas de dança tendo em foco a expressão corporal (ARTAXO e ASSIS, 2008).

O ritmo na sua contextualização revela uma área de dramatização importantíssima para a pessoa surda, pois através da sua expressão facial, podemos identificar se ela está ou não gostando da atividade, com isso podemos ao longo da sessão modificar, estimular, aperfeiçoar e valorizar o movimento. Isso enriquece o trabalho e dá margem a variação dos movimentos e a criação de inúmeros estímulos que correspondam às necessidades dessas pessoas surdas.

O ritmo por sua vez está interligado as habilidades ao se realizar um movimento. Através dele podemos ressaltar o desempenho de habilidades e capacidades, além de aumentar a auto-estima e promover a interação social.

De todas as definições citadas acima devem ser ressaltados os objetivos específicos, no qual os elementos fazem parte do sistema global que envolve a dança.

Dentre eles podemos citar a capacidade física da pessoa que é envolta na dança, bem como a descoberta do próprio corpo e suas limitações; o desenrolar da sua própria criatividade e ritmo natural; promovendo assim o trabalho em grupo ressaltando a cooperação, disciplina, solidariedade, liderança, comunicação e motivação.

A dança e a música se diferenciam entre diversas formas de comunicação, desde as compreensões individuais até mesmo as sociais engajadas no mundo.

A dança ainda tem o poder de estimular a memória, tornando o indivíduo mais confiante nas atividades rítmicas que ele se propõe realizar, além de disciplinar e proporcionar uma incrível sensação de prazer e bem estar, evidenciando uma melhora no trabalho e maior disposição nas atividades do dia-a-dia (ARTAXO e ASSIS, 2008).

Na dança as pessoas desenvolvem capacidades perceptivo-motoras e noções espacial e temporal, além de aprimorar o entendimento de certas emoções que não seriam possíveis se caso fossem trabalhadas isoladamente.

E é através da dança que podemos aliar o físico ao mental, e todos sem descrição podem experimentar sensações e sentimentos dos quais desconhecem.

Através de um planejamento de atividades rítmicas, nota-se um aprimoramento e desenvolvimento de habilidades que envolvam atenção visual, auditiva e cinestésica, além de promover a socialização e auxiliar nos problemas relacionados à aprendizagem (KOWALSKI, 2003)

Para as pessoas ouvintes, ao trabalharem atividades com surdos é importante que o local seja adequado, buscando evidenciar um som que possua uma forte potência nos graves, para que ele tenha sua expansão necessária, além de um tablado de madeira que será utilizado na percepção das vibrações do surdo, e o local que deverá priorizar o silêncio absoluto, para

que as pessoas ouvintes possam entrar e desfrutar desse mundo no qual o ouvido não participa (FUX, 2005).

Contudo é correto afirmar que a música não se faz sem nenhum desses elementos, eles estão presentes em todas as manifestações audíveis perceptivas ao ser humano sendo ele surdo ou ouvinte.

O ser surdo se caracteriza na vivência de cada atividade, pois sendo elas produtivas ou não aos olhos dele, sempre haverá algo novo na qual irá se espelhar, e se houver por algum motivo uma dificuldade maior na realização do movimento ele estará atento e perceptivo em observar o colega para que possa imitá-lo a fim de realizar o movimento corretamente. Nesse caso, é importante ressaltar a individualidade de cada um e saber trabalhar o todo focando nas questões onde o grupo tem mais dificuldade.

4 A MUSICALIDADE DO SURDO

A musicalidade revela as possibilidades que o homem possui de se expressar através da música, ela possibilita movimentos de soltura e prazer pelo som emitido.

Ao se expressar sua própria musicalidade à audição tem um papel muito importante, no caso do sujeito surdo a captação desses ruídos é surpreendentemente específica (HAGUIARA-CERVellini, 2003).

Muitas pessoas, no entanto se perguntam como um sujeito surdo pode ouvir e dançar? Esse questionamento é viável vindo de pessoas leigas no assunto, acabam por julgar esse sujeito incapaz de realizar tal atividade que envolva música e sendo assim, acabam por excluí-las ao invés de incluí-las nos meios sociais em que vivemos.

Segundo (HAGUIARA-CERVellini, 2003, p 79) “O surdo reage à música e expressa sua musicalidade”.

Além do aparelho de amplificação sonora que o surdo pode utilizar para realizar atividades que envolvam música, ele também é privilegiado por possuir captação das vibrações das ondas sonoras através do seu corpo, que podem ser percebidas pela pele e pelos ossos, é capaz de captar as vibrações das ondas sonoras (HAGUIARA-CERVellini, 2003).

Além de prazerosa a dança atua como atividade terapêutica para o indivíduo surdo, pois implica na sua adaptação social, ajudando-o a desenvolver valores específicos na sua vida cotidiana, tais como: o respeito, a socialização, a auto-estima, sem contar no desenvolvimento de habilidades importantes como expressão corporal, ritmo e equilíbrio (GORGATTI e COSTA, 2008).

Contudo, é importante ressaltar as condições de trabalho com esses indivíduos, é necessário espaço específico e de preferência sem ruídos para que não atrapalhe a percepção do som, tablados de madeira para que as vibrações emitidas pelas ondas sonoras sejam sentidas através do próprio corpo, o uso de sistemas de som também é de extrema necessidade, além é claro de aulas adaptadas e a presença de um intérprete se possível para que o

trabalho a ser desenvolvido possa ser de grande superação, pois nesse caso a comunicação é de extrema importância.

Alguns autores discutem o fato de ensinar a música a pessoas surdas, elas realmente podem adquirir a música através do movimento? Acredita-se que sim, são através de percepções audíveis e não audíveis que essas pessoas interagem no espaço, adquirem ritmo próprio através dessa música que não escutam, realizam movimentos e improvisam numa compreensão musical indescritível, fazendo com que as suas danças, na maioria das vezes, pela sua estrutura musical, sejam melhores que a das pessoas ouvintes por expressarem tanto sentimento.

Essa questão de improvisação se dá ao fato dessas pessoas surdas se sentirem seguras no ambiente em que estão realizando tal atividade, o empenho para a realização dos movimentos, a socialização com os colegas e até mesmo a dedicação em superarem seus medos os deixam cada vez mais perfeccionistas naquilo que se propõe fazer, para pessoas ouvintes que por sua vez acompanham esse tipo de trabalho é um estímulo para que cada dia explore um pouquinho a mais dessa capacidade e vontade de superação.

É extremamente importante ressaltar a compreensão musical que os surdos têm, é minucioso, profundo e sincero na obtenção do ritmo, exige uma concentração e um empenho, que mesmo que se percam nos movimentos é através deles que a dança se constitui. Acabam por conhecer a música através da dança, na qual nunca ouviram (FUX, 1983).

A aceitação é o primeiro passo a ser trabalhado entre os indivíduos surdos, pois através dela surgem outros componentes importantes como o respeito e a cooperação.

Alguns autores afirmam que atividades grupais proporcionam um enriquecimento da atividade, sendo assim cada indivíduo serve de estímulo para o outro, havendo trocas que contribuirão para a vivência e exploração de diversos contextos a serem trabalhados.

No entanto é importante ressaltar que o enfoque principal torna-se despercebido quando a criatividade não está interligada ao corpo, não entra pelos ouvidos como nós escutamos, para o indivíduo surdo eis aqui uma diferença muito marcante, pois o ouvido não é um apoio para o movimento, o

que existe são palavras, idéias e elos de comunicação que vem através das mais variadas sensações ocultas no interior de cada ser humano.

5 PESQUISA DE CAMPO

A inclusão de pessoas surdas nas instituições de ensino tem ganhado espaço no rol das discussões que envolvem de um lado especialistas incentivando tal inserção e, de outro, educadores questionando a falta de capacitação para agregar o aluno surdo em meio a alunos ouvintes.

Na Educação Física, atividades que envolvam ritmo e sons parecem estar distante da realidade, no entanto a percepção do ritmo e da musicalidade se revela através da vibração para os alunos surdos.

Tais atividades podem ser realizadas envolvendo ainda, expressão corporal que colabora na comunicação entre eles e com as outras pessoas.

Sendo assim, optou-se por investigar a influência da dança na linguagem corporal de pessoas surdas, como também sua importância para subsidiar e fundamentar a formação de profissionais da área de Educação Física e conhecer o processo de desenvolvimento da linguagem corporal que é forte aliado na comunicação de tal população.

5.1 OBJETIVOS

Descrever e discutir a influência da dançaterapia no processo de desenvolvimento da linguagem corporal de surdos como método facilitador na comunicação entre eles.

5.2 METODOLOGIA

O método utilizado neste trabalho foi de caráter experimental, tendo como participantes seis adolescentes surdos que atualmente estudam na Escola Estadual Mariana Marques/APAE de São Sebastião do Paraíso – MG.

O trabalho teve início com a aplicação de questionários aos alunos e à professora de sala. O questionário abordava assuntos referentes a aceitação dos colegas e a prática da dança.

Após a aplicação dos questionários os alunos foram convidados a participar de 4 sessões de atividades de dança, ritmo e expressão corporal. As sessões foram filmadas, com a autorização dos pais ou responsáveis, e garantida o sigilo das imagens para fins de pesquisa, e autorizadas para futura análise dos comportamentos exibidos pelos alunos durante as sessões.

As sessões foram planejadas de maneira a estimular a percepção de ritmos, expressões corporais e músicas. Durante as sessões a pesquisadora foi acompanhada pela professora e fonoaudióloga responsáveis pelos alunos, facilitando a comunicação entre pesquisadora-alunos.

Na primeira sessão, iniciou-se com uma apresentação e logo os adolescentes surdos começaram uma atividade de dança, no tablado de madeira, com o objetivo principal de promover a socialização e desenvoltura entre os colegas.

No começo da primeira atividade alguns alunos ficaram receosos, mas logo se interagiram e tiveram prazer em realizar a atividade, foi interessante observar como eles utilizavam o colega como referência quando tinham dificuldade em realizar algum movimento e por não escutarem a atenção que tiveram ao realizar o movimento no tempo certo da música.

A segunda atividade realizada nesse mesmo dia, também era relacionada à dança que tinha como objetivo o conhecimento das partes do corpo e expressão corporal, assim os alunos já puderam se dedicar mais a atividade proposta realizaram os movimentos com bastante atenção e principalmente com um enriquecimento de detalhes através da observação dos colegas.

No segundo dia de atividade, foram apresentados aos alunos vários instrumentos musicais, cada um pegou o instrumento que mais se identificava, e logo foi explicada a atividade, o objetivo era usar os instrumentos para a formação de uma banda e por consequência a adequação do ritmo, mesmo que inconsciente, logo a música que explorava uma bandinha foi iniciada e através de um cartão colorido eles obtinham uma informação visual; primeiro para juntar-se em duplas, trios, etc. e segundo para que trocassem os

instrumentos com o colega ao lado, assim seguiu a atividade até que os instrumentos tivessem passados por todos os adolescentes surdos.

Essa atividade exigiu grande percepção visual e espacial, além de priorizar a musicalidade através da vibração dos instrumentos potencializando os estímulos necessários que prendessem a atenção na atividade tornando-a prazerosa para quem a praticava.

O terceiro dia de atividade foi importante para objetivar a expressão corporal, pois foram realizadas atividades que envolveram uma dramatização de imagens, a atividade se iniciou com várias figuras de pessoas em suas variadas situações cotidianas, colocadas sobre o tablado de madeira, viradas para baixo e cada adolescente surdo recebeu uma bexiga, ao sinal do intérprete, eles teriam que enchê-la até que elas estourassem, quando isso acontecia o adolescente teria que escolher uma figura e logo imitá-la e sentava, esperando que o restante dos colegas também a fizessem, e quando iniciamos essa atividade nos deparamos com uma situação inesperada, um dos adolescentes mais novos não sabia encher a bexiga e foi interessante observar como existiu um espírito de cooperação dos colegas tentando ajudá-lo.

A atividade por sua vez gerou uma descontração enorme no grupo que quiseram repetir a atividade.

Encerrando com uma autoavaliação para analisar se a meta do trabalho foi atingida. Também serão observadas as condições de comunicação entre os próprios membros do grupo e com pessoas ouvintes.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram qualitativo-descritivos, uma vez que se partiu da observação do comportamento dos alunos durante as sessões feitas pela pesquisadora e pelas profissionais responsáveis.

Os alunos apresentavam falta de interesse por qualquer atividade proposta, um dos fatores que poderiam justificar essa realidade seria a ausência de atividades propícias para as dificuldades instaladas.

O trabalho teve início com a aplicação de duas fichas diagnósticas, uma para os alunos com o intuito de conhecimento das questões relacionadas a comunicação, socialização, gosto pela dança e sensibilidade; e a outra direcionada a professora regente objetivando abordar fatores relacionados a dificuldades de comunicação entre eles e em relação a dança, com pessoas ouvintes e se os alunos apresentavam comportamentos agressivos.

Na realização da primeira sessão em que o objetivo a ser alcançado era a socialização, notou-se que os alunos tiveram boa participação, conseguiram observar e ter atenção nos movimentos com execução similar ao que era proposto.

As músicas aplicadas foram direcionadas aos alunos visando a desinibição corporal e soltura das articulações causando um bem estar para que pudessem chegar a percepção do seu próprio corpo transportando para o colega a imagem de confiança e amizade.

Na transição da primeira para a segunda atividade ainda no início da sessão pode-se observar que os alunos estavam mais dispostos e menos tímidos em realizar a atividade.

Quanto ao comportamento, alguns alunos que não estavam participando da atividade ficaram curiosos, mas não se dispuseram a realizar a segunda atividade, observavam os colegas de longe, às vezes rindo, às vezes imitando o movimento que os colegas faziam, mas sempre sem muito entusiasmo em participar, não realizaram, mas também não atrapalharam a realização da mesma.



Figura 3. Sessão de Socialização
Fonte: Do próprio autor.



Figura 4. Sessão de Socialização
Fonte: Do próprio autor.

Já na segunda sessão, pode-se observar os alunos mais descontraídos e seguros na realização da atividade, a tarefa consistia num trabalho de ritmo e sincronia coletiva, onde o foco principal era a formação de uma bandinha partindo de um processo de inclusão hierárquica, onde o aluno manuseava seu próprio instrumento em seguida realizava a troca com os colegas e conseqüentemente se agrupavam a partir de um estímulo visual. Começando assim o gosto pela música e sucessivamente pela dança.

Ao término da atividade com o incentivo de um dos colegas, todos batiam o instrumento no mesmo compasso, no mesmo ritmo, ficou claro que o objetivo principal foi de maneira espontânea e livre, sem ao menos ter sido forçado a fazê-lo. Logo após, os alunos continuaram com os instrumentos e notou-se que eles ficaram mais calmos e concentrados para a aula seguinte.

É importante ressaltar o entusiasmo e a curiosidade que eles tiveram quando iniciamos essa atividade, foi surpreendente ver a mudança ocorrida no grupo, em que alguns alunos que não tinham participado da primeira sessão participaram dessa segunda com desinibição durante toda a atividade, todos se divertiram e era nítido observar que eles realizavam a atividade com prazer, atenção e alegria.

E mesmo que o objetivo era de adquirir o ritmo, em nenhum momento isso foi imposto, a atividade foi direcionada, mas deixando sempre livre a movimentação dos instrumentos musicais.

Logo após o término da atividade os alunos continuaram com os instrumentos, e permaneceram seguindo o ritmo que tinha sido adquirido durante a atividade anterior. Depois se dispuseram em trios e com instrumentos fizeram alguns passos de uma dança folclórica da nossa região o “Congado”.

Contudo, os instrumentos foram utilizados na construção do ritmo e expressão facial e corporal dos alunos surdos.



Figura 5. Sessão de Ritmo e Sincronia Coletiva
Fonte: Do próprio autor.



Figura 6. Sessão de Ritmo e Sincronia Coletiva
Fonte: Do próprio autor.

Na terceira sessão, ficou em evidência a cooperação, surgindo aí os primeiros traços de ajuda mútua entre si, o interesse em auxiliar o outro amenizando as dificuldades, aconteceu de maneira natural e positiva.

O trabalho coletivo teve sua presença marcada, formando assim um elo facilitador na comunicação através da expressão livre e segura.

Na última sessão, ficou evidente o quão importante foi realizar esse trabalho, que começou com uma possibilidade remota de trabalhar com indivíduos surdos e acabou por se tornar uma realização pessoal, ressaltando os valores pessoais de todos que estavam ali presentes.

No começo da atividade nos deparamos com algo inusitado para o momento, um dos alunos surdos, não sabia inflar o balão, talvez o medo e a insegurança o impedisse de realizar a atividade como os seus colegas.

Diante dessa situação, conseguimos junto à fonoaudióloga/intérprete trabalhar essa habilidade defasada da qual ela também desconhecia, juntos garantimos o aprendizado de inflar o balão e seus colegas de atividade o incentivaram a continuar inflando, foi uma tarefa gratificante e inesperada, que ao final terminou servindo de experiência para possíveis situações como esta.

Foi uma troca muito impressionante, eles confiaram no trabalho, se empenharam, e dividiram suas experiências, seus medos e suas dificuldades. E juntos, foi possível alcançar metas e vencer barreiras que antes eram desconhecidas e que agora se tornaram superadas.



Figura 7. Sessão de Expressão Corporal e Cooperação
Fonte: Do próprio autor.



Figura 8. Sessão de Expressão Corporal e Cooperação
Fonte: Do próprio autor.

CONCLUSÃO

Conclui-se com essa pesquisa que as atividades rítmicas e expressivas intervêm no processo de socialização e comunicação com coerência e eficácia.

Nesse estudo de caso, a dança serviu de estímulo para que o aluno surdo se sentisse incluído no grupo, o que futuramente refletiria na sociedade.

Desde os momentos do início do trabalho foi possível visualizar a transformação comportamental dos indivíduos envolvidos, pois, despertou-se o interesse em colaborar, cooperar e expressar sentimentos que se encontravam latentes.

Diante dos resultados é também importante ressaltar que a música aliada a expressão corporal no aluno surdo, traz benefícios antes não estimulados, que se relacionam aos valores de cada aluno, explorando assim questões intrínsecas e extrínsecas.

Pode-se destacar ainda que, existem relatos de autores que discutem sobre a inclusão desses indivíduos surdos nos meios sociais, mesmo sabendo disso a realidade é bem diferente.

Os alunos surdos não adquirem essa socialização tão facilmente, primeiro porque a família é insegura em relação ao meio em que vivem e segundo porque os meios de acesso ao indivíduo com deficiência ainda são precários.

Apesar das dificuldades que ele irá enfrentar, haverá pessoas ao seu redor com os mesmos problemas que ele, e é exatamente esse apoio que ele precisa, sentir seguro é uma das suas principais prioridades, e quando ele consegue adquiri-la a música passa a ser o seu conforto para se soltar e adaptar suas emoções aos seus movimentos, desde os mais simples até os mais complexos.

Enfim, nesse relato de experiência foi possível verificar e comprovar que o indivíduo só responde aquilo que é estimulado, e que nessa pesquisa o estímulo eficaz e capacitador foi a dançaterapia.

Pode-se conseguir grandes transformações na comunicação e convivência desses indivíduos surdos, fatos estes que garantiriam melhor qualidade de vida e inclusão na sociedade.

O caminho é acreditar no potencial de cada um e provocar estímulos, inquietação e despertar aquilo que se encontra adormecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAXO, Inês; ASSIS, Gizele. Ritmo e Movimento – Teoria e Prática. São Paulo, Phorte, 4ed. 2008.

CASTRO, E.M. Atividade Física: Adaptada. Ribeirão Preto – SP, Tecmedd, 2005.

Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS. Disponível em www.feneis.com.br. Acesso em 02 out 2010.

FUX, MARÍA. Dança, experiência de vida. 4ed. São Paulo: Summus, 1983.

FUX, MARÍA. Dançaterapia. 3ed. São Paulo: Summus, 1988.

FUX, MARÍA. Depois da Queda: Dançaterapia. São Paulo: Summus, 2005.

GORGATTI, M.G; COSTA, R.F. Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2ed. Barueri: Manole, 2008.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. A musicalidade do surdo. São Paulo, Plexus Editora, 2003.

Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Disponível em www.ines.gov.br. Acesso em 02 out 2010.

JESUS, L.N. Inclusão do deficiente auditivo: alicerce, família, escola e sociedade. Rio de Janeiro, E-papers, 2009.

KOWALSKI, E.M. Ritmo e Dança. In: WINNICK, J. P. Educação Física e Esportes Adaptados. São Paulo: Manole, 2003. Cap. 23, p.393-405.

MEDEIROS, J.B. Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11ed. – 2 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009

QUIXABA, M.N.O. . O desenvolvimento sociocultural por meio da dança, da musicalidade e da teatralidade: *Uma experiência de arte inclusão com alunos surdos*. **Inclusão Revista da Educação Especial**. Ano 02, nº03, pág. 41-44, SEE/MEC, Dezembro 2006.

RINALDI, G. Deficiência Auditiva. Brasília, MEC, SEESP, 1997.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SALLES, H.M.M.L. Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: para a prática pedagógica. 2ed. Brasília, MEC, SEESP, 2007.

ANEXOS

Autorização

Eu, _____ autorizo
meu filho _____ a
participar do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da
professora Drielly Cristina da Silva, em Oficinas de Dança e
exibição de imagens do mesmo.

Assinatura do Pai ou Responsável

___/___/2010

Ficha Diagnóstica do Aluno

Dados Pessoais

Data:

Nome: _____

Endereço: _____ nº _____

Bairro: _____

Cidade: _____

Data de nascimento: ___/___/___

Idade: _____

Questionário

1. Você gosta de dançar?
() Sim () Não

2. Você tem dificuldades com a dança?
() Sim () Não

3. Você tem vergonha de dançar?
() Sim () Não

4. Você gosta de dançar com seus amigos?
() Sim () Não

5. O que você sente quando dança?

Ficha Diagnóstica da Professora

Dados Pessoais

Data:

Nome: _____

Endereço: _____ nº _____

Bairro: _____

Cidade: _____

Data de nascimento: __/__/____

Idade: _____

Profissão: _____

Questionário

1. Os alunos gostam de dançar?
() Sim () Não

2. Os alunos tem dificuldades com a dança?
() Sim () Não

3. Os alunos tem dificuldades de se comunicar entre eles?
() Sim () Não

4. Os alunos tem dificuldades de se comunicar com pessoas ouvintes?
() Sim () Não

5. Os alunos apresentam algum grau de agressividade?
() Sim () Não

6. Qual a relação de amizade entre os alunos?

7. Qual a relação de amizade entre os alunos e as demais pessoas da escola?

Auto Avaliação

Dados Pessoais

Data:

Nome: _____

Idade: _____

1. Após as oficinas de dança a comunicação com seus amigos se tornou:

- melhorou
- melhorou pouco
- não melhorou

2. A minha participação nas oficinas de dança foi:

- agradável, aprendi muito com ela
- agradável, mas aprendi pouco com ela
- desagradável, faltou estímulo

3. O que senti após as sessões de dança aplicadas?

4. Qual das sessões que mais gostei?

- Socialização (Dança)
- Percepção do ritmo e sincronia coletiva (Bandinha)
- Expressão Corporal e cooperação (Bexigas)

5. Gostaria que as sessões de dança tivessem continuidade?

- Sim
- Não